



Gabriel Marcel, na Embaixada Francesa, quando palestrava com os redatores de "Revista Branca"

REPUTADO um dos maiores filósofos do nosso tempo, arrolado na corrente mais incompreendida, do pensamento, desde Hegel, Gabriel Marcel representa uma via do espírito iluminada em oposição ao formalismo científico e ao nihilismo desesperado das correntes materialistas que estão dentro do próprio pensamento existencial. Suas obras, "Homo Viator", "Du Refus à l'invocation", "Journal Metaphysique", "Être et Avoir", "L'Être et le Mystère", "L'Homme contre L'Humain", assim como seus dramas "La Chapelle Ardente", "Rome n'est pas plus en Rome", "Les Points aux il" etc., têm o sentido de uma resposta ao "sem razão" da especulatividade moderna na que diz respeito ao homem. Marcel, como Berdiaeff e Jaspers, procura com sua filosofia o verdadeiro sentido da criação humana.

A entrevista que, com exclusividade concedeu à REVISTA BRANCA, relewa-se pelo fato de provar o interesse que o filósofo dedica às empresas do espírito norteadas a um ideal extramundano.

ARTE E EXISTÊNCIA

A primeira pergunta que fizemos ao filósofo foi, como não deixaria de ser, relativa à arte. Indagamos de Gabriel Marcel como éle via, do ponto de vista crítico, a arte praticada pelos autores existencialistas, em que plano éle a situaria, se no plano da alegoria do existente ou se no seu plano transcendental. Respondeu-nos o filósofo que:

"Pessoalmente desconfio tanto do realismo em arte como do surrealismo; são duas posições extremistas e perigosas, portanto. Sem dúvida que pode existir uma arte realista de valores substantivos, assim como igualmente uma arte surrealista. Porém, sob condições determinadas. O que considero importante para um artista é a tomada de consciência do sobre-humano no próprio humano. A transfiguração como fez Dostoiewski, provando que o universal não é o abstrato. E neste sentido devemos estar profundamente agradecidos